

OS DESCOBRIDORES DO BRASIL

Edineia de Lourdes Pereira¹

Resenha do livro de Peter Kellemen, *Brasil para principiantes, venturas e desventuras de um brasileiro naturalizado*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1964. 138 p.

Tem havido uma considerável preocupação, por parte de estrangeiros, para entender o que é o povo brasileiro. O que se propaga pelo mundo é que aqui, nesta terra, há um povo exótico. Mas o que é ser exótico? Segundo o dicionário Aurélio, exótico significa excêntrico, extravagante, ou seja, aquele que anda fora do lugar. Mas se olharmos para a crise econômica atual, ser exótico é ser a oitava maior economia do mundo, e rumo certo para os estrangeiros em busca de uma vida melhor. Realmente é difícil entender tal exotismo e, às vezes, os estrangeiros precisam de um manual para compreendê-lo.

Mas não é a primeira vez que somos uma nação de esperanças. Na década de 60 milhares de estrangeiros procuraram nossa terra em busca de uma vida melhor. Tal como se tem feito nos últimos meses, o governo, naquela época, abriu

¹ Mestranda em Letras/ Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás.
E-mail: <edineiapereira61@gmail.com>.

as portas para vários estrangeiros qualificados profissionalmente. Muitos desses estrangeiros até deixaram registradas suas impressões sobre o Brasil.

Brasil para principiantes, venturas e desventuras de um brasileiro naturalizado é um desses livros que tentaram traçar o perfil do brasileiro. Publicado no Brasil, em 1964, pela Editora Civilização Brasileira S.A., entrou para a lista dos best-sellers dessa época. Explorando o gênero crônica, o autor húngaro, Peter Kellemen, que morava no Brasil há seis anos quando o escreveu, nos apresenta, de maneira humorada, através do personagem Paulo Kenedy, a sua descoberta do Brasil.

A primeira impressão do personagem sobre o nosso país – o que causou desapontamento, ou não, a ele – inicia-se já no Consulado do Brasil na França. Ao tentar conseguir seu visto, o imigrante descobre que, para entrar no Brasil, precisaria mudar de profissão. De médico passa a agrônomo, pois a quota para imigrantes com profissão de médico já havia se esgotado. Mas isso para um brasileiro não era um problema. De modo que, automaticamente, sem nenhuma burocracia, o próprio consulado carimbou o visto do imigrante como agrônomo. Foi uma maneira rápida e simples encontrada para resolver algo que poderia levar muito tempo se tramitasse pelas vias legais.

Antes de embarcar para a nova terra, Paulo Kenedy foi aconselhado por um senhor francês que viveu muitos anos no Brasil. Ele disse que se o nosso personagem quisesse se dar bem neste país deveria estar preparado para aprender duas línguas: o português, que é o idioma oficial, e o código secreto. O código secreto eram as infinitas manifestações desse idioma (verdadeiros enigmas). Segundo a narrativa, é uma língua cheia de imbricações. Assim, ela precisa ser atentamente analisada, pois o brasileiro a utiliza quase sempre para se dar bem. Ademais, frequentemente, o significado das palavras pode ser o oposto daquilo que se diz, como, por exemplo, na narrativa em que o imigrante vai alugar um apartamento e o anúncio dizia que não havia luvas. Naquele caso, luvas não significavam algo para esquentar as mãos, mas um adiantamento em dinheiro nas transações comerciais. Ainda, dizer que não havia luvas significava que havia luvas, no entanto isso não poderia ser dito abertamente, pois aceitar luvas, conforme as leis do país, era um crime.

Outra maneira de descrever o nosso exotismo é por oposição a outras nações. Segundo o personagem, somos diferentes de tudo e de todos. Não somos avaros como os suíços, nem arrogantes como os alemães, nem pedantes como

os ingleses. Mas somos ingênuos quando se trata de investimentos imobiliários. Compramos casas, apartamentos, lotes, a prestações mínimas – as quais podem durar uma vida inteira – pensando que estamos fazendo o melhor negócio do mundo. Porém, não temos conhecimento da tabela price – como o tem nosso personagem, claro – que são os juros embutidos no negócio. Ao final da transação, compramos um imóvel pagando pelo menos duas ou três vezes a mais sobre o valor inicial. E ainda assim ficamos satisfeitos.

Além do mais, Paulo Kenedy fica boquiaberto quando descobre que por aqui todo brasileiro é potencialmente um médico. Para sua surpresa, cada brasileiro sempre tem em mãos uma “receitinha” quando um amigo, parente ou até desconhecidos encontram-se com alguma dor. Sempre há alguém que aconselha sobre os melhores medicamentos para determinados sintomas. Depois de ouvir e seguir atentamente os milhares de conselhos, aí sim, talvez seja melhor procurar um médico.

O nosso nobre personagem se mostra um exímio conhecedor de nossa economia, finanças, indústria, comércio e política. Segundo ele, somos o país da regra geral e das mil e uma exceções. Para resolver os problemas econômicos mais imediatos, o Brasil inventou o cheque pré-datado que, aliás, é sempre utilizado em transações duvidosas. Emitir e receber cheque pré-datado é contra a lei, mas quem o faz nunca é condenado pelos juízes brasileiros. Em matéria de política, Paulo Kenedy diz que aqui não é diferente de qualquer outra parte do mundo. Onde quer que se vá o discurso é sempre o mesmo. Ele ainda ousa dar alguns conselhos e diz: “Se alguém quiser se candidatar, faça promessas (que possa ou não cumprir) e sempre apresente uma tabela de preços”.

Como nosso personagem, a essa altura, já possui o título de naturalização, considera-se um verdadeiro brasileiro com direitos de falar abertamente sobre os estrangeiros ou imigrantes que aqui residem. Segundo ele, são categorias diferentes, porém todos com o mesmo objetivo: vêm ao Brasil para se enriquecer, cada um posicionando-se como se fosse o verdadeiro descobridor do Brasil.



Enfim, ele aconselha aos principiantes que não se assustem, pois aqui é assim mesmo: um país de contrastes. E mostra que desde a infância somos acostumados a isso. Contrastes para o nosso personagem é sinônimo de que as leis não funcionam, mas isso não é um problema. As placas de regulamentação são apenas adornos. Aqui o caráter humano não é dominado por leis. É interessante notar que, nessa obra de ficção que tem como ambientação o Rio de Janeiro, o autor descreve o brasileiro como um sujeito naturalmente trapaceiro e indomável; talvez aí resida o tal exotismo.

Apesar de ter sido um best-seller, esse livro anda meio esquecido. Talvez esquecê-lo seja o jeitinho brasileiro de colocar as coisas no lugar. Quiçá a crise econômica internacional venha resgatá-lo das estantes. Embora tenha sido escrito na década de 60, quando ainda não havia o divórcio no Brasil e, o bonde era um meio de transporte, ele ainda apresenta-se muito atual, pois tem a competência de prender o leitor. Um estrangeiro que tenha interesse pelo Brasil ficaria instigado a lê-lo por causa do título extravagante. Por outro lado, qualquer brasileiro daria boas gargalhadas ao encontrar nele pontos de contato.

Apesar de ser uma obra de ficção, o discurso é muito parecido com a história de vida do próprio autor, pois é sabido que Peter Kellemen veio para o Brasil com o intuito de enriquecer, o que conseguiu fazer até certo ponto. Agora uma coisa é certa, o autor, vivendo aqui, conseguiu assimilar bem a nossa cultura e a escreveu de maneira grandiosa.

Resta-nos perguntar: Por que um livro que nos descreve como se fôssemos um povo trapaceiro e indomável foi publicado por uma editora brasileira e ainda por cima tornou-se um best-seller? A resposta está na própria identidade do brasileiro e na visão mercadológica, aliás, não há literatura fora do sistema. Somos um povo que, apesar das dificuldades, sabemos lidar com humor diante de nossas situações difíceis, afinal somos exóticos e o mercado é como uma raposa que não perde oportunidades.